

CIRCO:

formação e conhecimentos gerais sobre segurança

27

Marco Antonio Coelho Bortoleto

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

João Gabriel Baptistotti Nunes

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2023v6n2ID31169>

RESUMO

O presente estudo apresenta um diagnóstico sobre formação e os saberes relativos à segurança entre profissionais e praticantes de circo. Participaram desta pesquisa descritiva-exploratória, 147 profissionais, que responderam a um questionário semiestruturado. Os resultados mostram que a maioria dos respondentes reconhecem o risco como característica inerente ao circo e a segurança como um aspecto central para a sua prática, embora poucos relataram formação específica. O estudo sugere, portanto, a urgência de ações formativas que favoreçam a qualificação profissional no âmbito da segurança no circo no contexto nacional.

Palavras-chave: artes cênicas. segurança no trabalho. educação profissional. risco. acidentes.

ABSTRACT

This study presents a diagnosis on training and basic knowledge related to safety among circus professionals and practitioners. 147 people participated in this descriptive-exploratory research, answering a semi-structured questionnaire. The results show that majority recognize “risk” as an inherent characteristic of the circus and safety as a central aspect of its practice, although few reported specific training. Therefore, the study suggests the urgency of educational activities in order to achieve a better professional qualification in circus safety at the national level.

Keywords: scenic arts. safety at work. professional education. risk. accidents.

INTRODUÇÃO

A presença do Circo e a sua capilaridade pelo território brasileiro são amplamente documentadas, consubstanciando os saberes circenses como parte do imaginário coletivo (BOLOGNESI, 2009). Historicamente, o desenvolvimento desse setor ancorou-se na oralidade e na produção de saberes no seno das famílias circenses. Não obstante, nas últimas décadas a atividade circense tem sido fortemente influenciada pelas “escolas de circo” (LOPES; SILVA; BORTOLETO, 2020), tendência também observada no contexto internacional, como discutem Leroux e Batson (2016).

Na década de 1990, o circo foi reconhecido como atividade profissional pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), com destaque para, por exemplo, as funções de professor de circo (2349, 2349-05), artista de circo (3762), apresentador de circo (3763-25), diretor circense (2622-20), entre outras. Cabe destacar que ao

longo de quase dois séculos os artistas circenses ocuparam quase todos os espaços sociais, e consolidaram os espetáculos realizados de forma itinerante (circo-família) sob a lona, como símbolo desta arte (SILVA, 2011). Mais recentemente, a performance artística e a prática do circo ocupam, de forma cada vez mais intensa, praças, casas noturnas, cruzeiros, parques temáticos, academias, ONGs e entidades assistenciais, hospitais e clínicas de saúde, escolas de ensino formal e diversos outros espaços públicos e privados. Com efeito, observamos um exponencial aumento do número de praticantes e, conseqüentemente, de profissionais envolvidos com as práticas circenses (BARRETO; DUPRAT; BORTOLETO, 2021).

A “estética do risco”, isto é, a inerente presença do risco nas performances circenses, manteve-se como uma das principais características dessa linguagem ao longo do tempo (MANDELL, 2016; WALLON, 2008), o que gera constantes debates em relação à formação profissional, bem como à busca por uma prática segura pelo público em geral (GUZZO, 2009). De acordo com Ferreira, Bortoleto e Silva (2015), quando a presença do risco na atividade circense — seja na prática artística profissional ou na atividade amadora, recreativa ou educacional — é assumida de modo responsável, nos deparamos com a emergência do trato da segurança. Assim, a gestão do risco ganha protagonismo para todos os circenses, e representa, portanto, uma dimensão fundamental para a sua prática e desenvolvimento (GREENSPAN; STUCKEY, 2023).

Estudos recentes sinalizam que, para além de prejuízos materiais, financeiros ou jurídicos-legais, a prática circense incorre numa eminente ameaça à integridade (física, psicológica e social), sejam os praticantes profissionais, amadores ou esporádicos (GOUDARD; BARRAULT, 2020). O risco de acidentes e, conseqüentemente, de lesões representa um aspecto concreto que não deve ser

ignorado. De fato, múltiplas são as causas de acidentes (falhas nos equipamentos ou processos de montagem/desmontagem, manuseio inadequado de produtos, falta de preparação corporal adequada, etc.) (FERREIRA; BORTOLETO; SILVA, 2015). Assim, a exposição deliberada ao risco parece exigir cuidados que transcendem o bom senso independente do lugar e de quem são os praticantes (GOUDARD; CHARDON, 2010; LEGENDRE, 2014).

Com efeito, no final de 2018 foram publicadas as duas primeiras Normas Brasileiras (NBR) da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) específicas para o circo (NBR 16650-1:2018 e a NBR 16650-2:2018). Ainda que não exista no Brasil uma diretriz ampla sobre a segurança nas práticas circenses, como já acontece em países como Austrália, Canadá e França (GOUDARD; CHARDON, 2010), é notório o crescimento da atenção para esse assunto.

Com base nestes argumentos, nos parece urgente maior investimento em pesquisas que contribuam para um melhor entendimento acerca da formação profissional e das práticas cotidianas dos circenses, incluindo estudos epidemiológicos sobre lesões típicas (MUNRO, 2014; WANKE et al., 2012). Isso deve ser realizado de modo a fomentar a construção de uma “cultura de segurança” no circo, e, por conseguinte, a diminuição os acidentes que são ainda muito frequentes (Tabela 1). Embora os relatos sistemáticos e o registro oficial não sejam realizados, os acidentes são frequentemente tratados como “tabu” e subnotificados por receio da repercussão negativa ou ainda pela informalidade da atividade circense (FERREIRA; BORTOLETO; SILVA, 2015).

Em muitos casos, a percepção subjetiva do risco faz com que os acidentes sejam considerados ocorrências “normais”, ou até mesmo subestimados, o que dificulta a ação das autoridades no sentido da prevenção (BOLLING et al., 2019; BORTOLETO, 2020)ⁱ. Considerando, ademais, que somente uma pequena parte dos

acidentes é relatada, geralmente pela mídia (literatura “cinza”, como é academicamente denominada)ⁱⁱ, raramente notamos uma análise minuciosa que nos permita planejar ações futuras, com políticas preventivas ou formativas.

Tabela 1 – Seleção de reportagens recentes sobre acidentes no circo brasileiro

Título da reportagem & Fonte	Ano
Trapezista sofre acidente durante espetáculo em SP. Jornal Estado de São Paulo	2008
Morte no circo em Itaipuaçu, Maricá. Jornal Enter	2011
Acrobata que se acidentou em circo do ator Marcos Frota passa bem. G1 Notícias – RJ.	2012
Morre acrobata que sofreu acidente durante apresentação do Circo Tihany. Gazeta do Povo	2014
Trapezista morre ao cair de aparelho de giro em circo no interior da Bahia. G1 Notícias.	2015
Acidente em Globo da Morte deixa dois feridos em circo no DF. Metrôpoles	2016
Trapezista morre durante apresentação no Circo de Roma montado no Polvilho em Cajamar. Destaque	2016
Passa bem artista do Circo de Cheirozinho após acidente de trabalho em matinê. Blog do Nill Júnior	2017
Arquibancada de circo cede na noite de estreia em Balneário. Visse Noticias.	2018
Trapezista morre após cair de altura de 20 metros durante espetáculo em circo em Cuiabá. G1 Notícias	2018
Motociclista sofre queda durante espetáculo de circo no Leblon – RJ. O dia.	2022
Artista de circo cai do trapézio e tem traumatismo craniano no interior de Minas. Jornal O Tempo.	2022

Fonte: Elaborado pelos autores. Levantamento cumulativo-permanente com informações adicionais disponível em: <https://rb.gy/48dhm>

Diferentes estudos discutem que os acidentes são majoritariamente multicausais e que o “fator humano” está sempre presente na cadeia de acontecimentos que resultam em um acidente. Conseqüentemente, a ação humana é considerada uma das principais causas dos acidentes, afinal, o comando das ações e das decisões é de responsabilidade humana (FERREIRA; BORTOLETO; SILVA, 2015). Por conseguinte, a formação dos profissionais circenses parece crucial para desenvolver práticas que contribuam para a ampliação dos processos de segurança, como sugerem Goudard e Barrault (2020) e Lafollie (2015).

Diante do exposto acima, o presente estudo objetiva realizar um diagnóstico entre profissionais e praticantes regulares de circo com relação à formação e aos conhecimentos sobre a segurança.

METODOLOGIA

O presente estudo, caracterizado como um estudo exploratório-descritivo (MARCONI; LAKATOS, 2003), representa uma investigação empírica que almeja aumentar a familiaridade com o assunto para qualificar pesquisas futuras, modificar e clarificar conceitos, por meio de uma descrição cuidadosa. De modo específico, esse estudo visa realizar um levantamento, além de fornecer informações a respeito da formação e conhecimentos básicos dos profissionais circenses no que diz respeito à segurança em suas práticas profissionais.

A execução do projeto foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa CAEE: 92678818.5.0000.5404 (Parecer n. 2.789.983). Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, aplicado longitudinalmente entre 2012 e 2020, contendo 7 perguntas, 5 abertas e 2 fechadas. As questões fechadas foram do tipo

múltipla escolha, nas quais os sujeitos podiam indicar uma ou, dependendo da questão, várias alternativas. As questões foram elaboradas com o intuito de traçar um perfil desses sujeitos em relação às suas atuações no circo e à segurança nos processos dentro dele. As questões abertas (dissertativas) buscaram oferecer um espaço para o compartilhamento das experiências pessoais e tratavam dos distintos aspectos do estudo. O questionário foi desenvolvido e revisado com a participação de pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS/Unicamp), com a colaboração direta de seis pesquisadores doutores, quatro mestres e diversos artistas circenses profissionais.

Participaram da pesquisa 147 voluntários (68 homens e 79 mulheres), adultos, com faixa etária entre 18 e 58 anos (média de 28 anos). Os sujeitos são provenientes de 28 cidades brasileiras, abrangendo todas as cinco regiões, com predominância do Sudeste (69,38%) e do Centro-Oeste (22,05%), e menor ocorrência no Sul (4,76%), no Nordeste (1,47%) e no Norte (1,57%). Houve, embora com menor expressão, a participação de voluntários de outros países: Venezuela (1), Uruguai (1) e Argentina (2), todos com atuação regular no Brasil. Oito respondentes não foram considerados por não finalizarem o preenchimento do questionário adequadamente ou por rasurá-lo, o que tornou a sua leitura inviável.

A aplicação dos questionários se deu de forma presencial (direta), durante diferentes atividades (cursos, festivais, mostras) realizadas pelos pesquisadores no período anteriormente indicado. Não houve limite de tempo para o preenchimento, embora, no geral, tenha sido de aproximadamente 15 minutos. Ao final, todos os questionários em papel foram escaneados para arquivamento, com acesso unicamente pelos pesquisadores, conforme prevê a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

Os dados qualitativos foram estudados por meio da Análise de Conteúdo, processo analítico apresentado por Bardin (2011, p. 145) como,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens indicadores (quantitativo ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens.

Com efeito, Bardin (2011) entende a categorização, ponto crucial que influencia diretamente o resultado da análise de conteúdo, como uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento com critérios previamente definidos” e que, durante a análise, permite a percepção de aspectos não notáveis antes da organização. Após a identificação das unidades de contexto e unidades de registro, seguiram-se outras etapas desse processo analítico como descreve Minayo (2001): distribuição em categorias, descrição dos resultados da etapa anterior, inferências feitas dos resultados e, enfim, interpretação dos resultados obtidos, dialogando com a literatura adotada.

Por outro lado, o conjunto de dados quantitativos foi tabulado numa planilha Excel (Microsoft) e analisado por meio de Estatística Descritiva, com auxílio do Programa SPSS (Microsoft - versão 2019).

RESULTADOS E ANÁLISES

Em relação às atividades realizadas pelos respondentes e considerando que foi lhes dada a possibilidade de assinalar quantas opções achassem apropriadas entre as alternativas apresentadas, observamos:

Tabela 2 – Principais atividades circenses desenvolvidas pelos respondentes

Atividade	Frequência	%
Artista	82	55,78
Montador / Rigger	16	10,88
Capataz / Barreira	8	5,44
Professor / Instrutor	59	40,13
Arte educador / Educador social	37	25,17
Aluno / Praticante de circo	93	63,26

Fonte: Elaborada pelos autores. Total de respostas válidas para essa pergunta foi de 295. A porcentagem foi calculada considerando os 147 respondentes.

Nota-se que a maioria dos respondentes indicaram serem “Artistas” (55%) e “Alunos/praticantes” (63%), o que sugere que realizem essas duas atividades concomitantemente. Por outro lado, embora 40% se declare “Professor/Instrutor”, apenas 10% disse atuar como “Montador/Rigger”. Além das alternativas oferecidas nessa questão, havia um campo no qual os participantes poderiam indicar outras atividades. Desse modo, surgiram as seguintes indicações: coordenadores/gestores, assistentes sociais, psicólogos, voluntários, pedagogos, pesquisadores, bailarinos (dança), capoeirista e artistas de *pole dance*.

No que diz respeito ao tempo de atuação, 39% indicaram entre 1 e 5 anos, enquanto 24% exercem atividade relacionada ao circo entre 5 e 10 anos. Aqueles

que indicaram tempo de atuação superior a 10 anos representam 22%. Por fim, apenas 14% indicaram atuar no circo a menos de um ano e 1% não respondeu. Nota-se que 46% dos participantes têm acima de 5 anos de experiência, o que significa que podem ser considerados experientes. Não obstante, 53% poderiam ser considerados principiantes, uma vez que não possuem um mínimo de 5 anos de experiência. De todos os modos, parece uma amostragem equilibrada em termos de experiência no assunto em questão.

Ao serem questionados sobre se já haviam participado de algum tipo de formação específica sobre segurança, 71,42% responderam que não e 28,57% que sim. A partir da análise discriminativa (por atividade desenvolvida – Tabela 2), constatou-se que a maioria dos montadores (69,23%) possui mais de cinco anos de experiência e, apesar disso, menos da metade deles (46,16%) fez algum tipo de curso sobre segurança. Os professores, em grande parte (59,58%), possuem experiência com o circo há mais de cinco anos, e mais da metade (53,20%) afirmou não ter feito nenhum curso sobre segurança.

Quando questionados sobre o risco e a segurança relativos à atividade realizada (circo), cada respondente valorou de 1 (pouco) a 5 (muito) os aspectos apresentados no quadro a seguir (Quadro 1):

Quadro 1 – Valoração da Segurança e do Risco

Perguntas	Grau de importância					
	1	2	3	4	5	Não respondeu
O risco é um elemento presente na prática circense?	0	1	11	20	114	1

A segurança é um tema que deveria fazer parte do processo de formação do artista circense?	0	0	3	4	139	1
O seu nível de conhecimento sobre segurança é suficiente?	21	34	65	19	5	3
Qual a relevância da segurança em seu planejamento e sua elaboração de projetos/espetáculos/aulas?	2	6	26	30	77	6
Escolas, empresas e outras instituições que operam no setor circense atentam para os problemas relacionados com a segurança?	18	36	54	28	9	2
Os acidentes fazem parte das práticas circenses em geral?	8	14	49	34	40	2

Fonte: elaborado pelos autores

Quando consideramos as valorações 4 e 5 (grande importância) vemos que a grande maioria dos respondentes (91,2%) reconhece o risco como um elemento central do circo, embora apenas 50,3% deles tenha indicado a presença de acidentes. A grandíssima maioria (97,3%) acredita que a segurança deveria estar presente no processo de formação, e 52,4% alegam que a segurança é imprescindível e de extrema relevância no planejamento e elaboração de projetos/espetáculos/aulas. Não obstante, a escassa formação em segurança foi destacada pela maioria (84%), com apenas 16,3% alegando conhecimento suficiente.

Os dados qualitativos corroboram as informações acima, quando vemos que a maioria dos depoimentos sinalizou que a experiência empírica ao longo do tempo, observando outros profissionais, tenha sido a principal base para a formação até o momento. De modo, recorrente, a oralidade é ainda responsável por grande parte da educação/formação nesse assunto. Cabe destacar que os respondentes que

indicaram ter frequentado “escolas de circo” mostram a mesma tendência, ou seja, a formação recebida parece não ter modificado de forma significativa o conhecimento sobre segurança.

Ao serem questionados sobre as circunstâncias com maior incidência de ocorrência de acidentes (Tabela 3), podendo assinalar mais de uma opção, vimos:

Tabela 3 – Momentos de maior propensão à ocorrência de acidentes

Quando/onde acontecem os acidentes?	Frequência	%
Montagem e desmontagem	67	45,57
Treinamento / Ensaio	135	91,83
Operação de máquinas e motores	24	16,32
Manipulação de produtos químicos / combustíveis	29	19,72
Venda de produtos (maçã do amor, pipoca, etc)	5	3,40
Confecção de equipamentos	19	12,92
Espetáculo / Apresentação / Show	65	44,21

Fonte: elaborada pelos autores. Total de respostas válidas para essa pergunta: 344. A porcentagem foi calculada considerando os 147 respondentes.

Os resultados evidenciam que os “Treinamento / ensaio” (91,8%), “Montagem / Rigger” (45,6%) e “Espectáculos / Apresentações / Shows” (44,2%) constituem as situações onde parece haver mais acidentes e, por conseguinte, as que requerem maior atenção.

Por outro lado, com relação à atenção dada às lesões que ocorrem durante as atividades circenses (Tabela 4), encontramos:

Tabela 4 – Forma de tratamento das lesões

Categorias	Frequência	%
Primeiros socorros e encaminhamento a um profissional de saúde	44	31,65
Autoatendimento e assistência não-especializada	45	32,37
Autoatendimento e fisioterapia	32	23,02
Descuidos habituais do treinamento - sem tratamento específico	6	4,31
Automedicação	3	2,15
Sem tratamento ou com tratamento inadequado	7	5,03
Não responderam	8	5,75

Fonte: Elaborada pelos autores. Total de respostas válidas para essa pergunta:138 (base para o cálculo da porcentagem)

Percebe-se que um terço dos participantes procuram o atendimento sanitário especializado (postos de saúde, UPA, hospitais, etc.). Muitos, inclusive, relataram o tratamento com “fisioterapeutas especializados”, o que indica uma importante aproximação com profissionais da saúde. No entanto, a maioria realiza o tratamento sem esse suporte profissional, e que mais de 50% confia o tratamento no autocuidado (autoatendimento). Práticas como o tratamento crioterápico (bolsas de gelo), massagem, automedicação (analgésicos), entre outras, foram indicadas como comuns entre os praticantes e frequentemente aplicadas pelos professores (exemplos: participante n. 34, 25 anos, Goiânia - 05/11/2016; e participante n. 38, 34 anos, Montevideu - Uruguai - 05-11-2016).

Diversos respondentes mencionaram que, em caso de acidentes é preciso acionar as autoridades sanitárias (sistema de emergência). Como, por exemplo,

relata o participante n. 112 (19 anos; Rio de Janeiro-RJ: 17/11/2017): “O professor deve chamar o bombeiro ou ambulância e encaminhar para o hospital o mais rápido possível.” No entanto, apenas algumas pessoas indicaram ter formação específica em “socorros de urgência” (Participante n. 96: 34 anos; Campinas-SP; 29/10/2016).

Ao fim do questionário, os participantes responderam a duas questões discursivas com intuito de lhes permitir expressar suas opiniões a respeito das lesões cotidianas e maneiras de melhorar a segurança nas práticas circenses. Após a análise de conteúdo, as seguintes categorias temáticas foram destacadas (Quadro 2):

Quadro 2 – Resumo dos depoimentos – dados qualitativos

Categoria temática	Resumo dos depoimentos
Lesões cotidianas	A maioria relatou ter experienciado lesões nos lugares que frequentam ou trabalham. Pequenos incidentes e lesões sem gravidade são desconsideradas (ignoradas), e dada a frequência não modificam a rotina. Não foi relatada a presença de profissionais saúde na maioria dos lugares. Apenas lesões de maior gravidade levam ao direcionamento sanitário (hospital) e, por conseguinte, ao tratamento profissional.
Formação	A “reciclagem” (termo comumente utilizado pelos depoentes) e a necessidade de formação continuada foi amplamente ressaltada. A falta de oportunidades e de políticas específicas foi amplamente indicada.
Acesso a equipamento	A dificuldade de acesso a equipamentos/materiais (aparelhos de circo), bem como àqueles utilizados para os processos de manutenção, montagem e desmontagem (cordas, mosquetões, etc.) foi uma tônica nos discursos. O alto custo dos equipamentos também foi mencionado de forma regular.

Prevenção de acidentes e lesões	A necessidade de práticas preventivas (treinamentos específicos para montagem; campanhas de conscientização sobre acidentes, etc.) parece ser urgente. Práticas corporais (terapia, preparação física específica) que ajudem na prevenção de lesões foram indicadas como relevantes, mas ainda pouco presentes no cotidiano. Massagem e relaxamento foram destacados como práticas importantes (participante n. 67: 45 anos - São Paulo, 05/05/2018). O uso de equipamentos (joelheiras, colchões adequados, lonjas, calçados, roupas-figurino adequado) também faz parte dos dispositivos preventivos (participantes n. 44: 29 anos - Venezuela/Brasília, 05/11/2016; participante n. 58: 35 anos - Goiânia-GO, 05/06/2016).
Melhoria da segurança	Os cursos de qualificação profissional foram ressaltados como um mecanismo importante para a melhoria das práticas e o consequente fomento da segurança. O intercâmbio frequente entre profissionais também foi salientado como fonte principal e base (informal) para a melhora, ocorrendo principalmente durante os eventos ou trabalhos circenses.
Conduitas de risco	A falta de atenção e, em muitos casos, de bom senso dos profissionais foi recorrentemente mencionada. Em muitos casos, foi dito que quando os problemas de segurança são identificados as pessoas se sentem constrangidas de conversar sobre o tema ou mesmo de indicar aos colegas falhas ou sugestões de melhorias. A colocação de informação (cartazes, banners), a normatização (regras internas) e uma maior atenção ao preparo físico foram indicadas como de grande valia.

Fonte: elaborado pelos autores

De forma uníssona e enfática, notamos uma urgente demanda/desejo de formação no tema. Muitos respondentes salientaram que realizam a busca por cursos (workshops, oficinas) recorrentemente, porém encontram muita dificuldade de acesso (distância dos grandes centros urbanos, custo do transporte, alojamento, valor do curso). Do mesmo modo, o desenvolvimento de Normas Reguladoras (NRs) que considerem as especificidades da atividade circense (escolas, espetáculos, montagem, ...) também foram mencionadas como necessárias para ampliar a segurança no contexto nacional (exemplo: participante n. 160: 28 anos; São Paulo - SP; 10/05/2017).

DISCUSSÃO

Atualmente, existem empresas e profissionais que oferecem formação específica no âmbito da segurança e gestão do risco para o circo, como, por exemplo, a renomada *Association Européenne pour la Recherche, l'Innovation et la Sécurité des arts du Cirque* (AERISC) da Bélgica, ou o Projeto *Riggers* da FEDEC (<https://www.fedec.eu/en/riggers>) iniciado em 2022. No Brasil, observamos recentemente alguns profissionais se especializando nessa área, embora ainda em quantidade insuficiente para a demanda nacional. Ações como a da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), realizada entre 2012 e 2015, quando foram realizados cursos sobre segurança no circo nas cinco regiões do país, como comentam Ferreira, Bortoleto e Silva (2015), deveriam ocorrer com maior frequência e abranger todo o território e a diversidade dos formatos de circo. Sabemos que, nos últimos anos, múltiplos cursos foram realizados por entidades privadas e/ou escolas de circoⁱⁱⁱ, sem que fosse possível notar um esforço coordenado e com envolvimento regular dos governos (em todos os níveis).

Parece-nos que, apesar de a segurança ser ainda negligenciada por muitos profissionais e empresas circenses, percebe-se uma maior valorização e maior reconhecimento da importância do tema nos últimos anos (NUNES; BORTOLETO, 2021), incluindo nos processos de Montagem-Desmontagem (NUNES; BORTOLETO; FERREIRA, 2022) nos quais ainda há relatos de acidentes (Tabela 3). Essa maior sensibilização levou em 2013 a Escola Nacional de Circo (FUNARTE / Ministério da Cultura) a reestruturar seu currículo e a dar uma clara indicação da transversalidade da questão da segurança no circo, e assumindo esse tema formalmente seu currículo (DUPRAT, 2014)^{iv}.

Em geral, como reforçaram os participantes desse estudo, são necessários uma maior atenção ao assunto e o estabelecimento de uma política propositiva nessa direção. Se considerarmos, ademais, que a atividade circense, em muitos casos, inclui montagem e desmontagem de equipamentos em altura, é necessário o conhecimento de diferentes normas reguladoras (NRs), como a NR35 – Trabalho em Altura. Essas normas são também importantes fontes de informação, como vemos no próprio texto do Ministério do Trabalho. A norma,

[...] estabelece os requisitos mínimos e as medidas de proteção para o trabalho em altura, envolvendo o planejamento, a organização e a execução, de forma a garantir a segurança e a saúde dos trabalhadores envolvidos direta ou indiretamente com esta atividade (NBR35, 2014).

Entretanto, quando nos deparamos com as muitas chamadas públicas e privadas (editais) divulgadas nos últimos cinco anos para festivais^v, bolsas de pesquisa e outras ajudas específicas para o circo, pouco ou quase nada sobre

segurança é solicitado a quem deseja aplicar para essas chamadas. Mais: quando há algum indicativo sobre segurança, restam algumas breves linhas ou um plano superficial.

Como já foi mencionado, a publicação das primeiras NBRs da ABNT (ABNT, 2018a, 2018b), representa um passo relevante. Esses documentos foram elaborados por uma comissão de especialistas durante aproximadamente três anos, incluindo uma consulta pública ao final da elaboração. Embora não seja um dispositivo legal, o conteúdo dessas NBRs pode contribuir para a melhoria da segurança no circo, embora nos parece existir a necessidade do desenvolvimento de uma Norma Regulamentadora (NR) pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) que possam reger de forma mais criteriosa o setor.

Os dados obtidos revelam que muitos dos participantes confiam sua segurança aos profissionais mais experientes e buscam aprender com eles. Do ponto de vista teórico, sabemos que a experiência (tempo e qualidade da atuação) aparece como um aspecto “chave” para a percepção do risco e da segurança (LE BRETON, 2009). Com isso, é também possível indicar que a “transmissão oral”, característica da formação tradicional do circense brasileiro (SILVA, 2011), ainda representa o meio mais comum para a capacitação profissional quando o assunto é a segurança. Desse modo, o recente e significativo aumento das escolas de circo no Brasil não foi suficiente para a instauração de uma formação institucionalizada sobre esse tema (DUPRAT, 2014; GOUDARD; CHARDON, 2010), debate que também tem sido realizado na esfera internacional (FEDEC, 2008; LAFOLLIE, 2015; LEGENDRE, 2014).

CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebemos a importância da implementação de uma política pública que favoreça a qualificação dos profissionais que atuam nesse setor, incluindo a formação continuada e campanhas regulares de sensibilização. Entendemos, ainda, que é preciso atuar junto aos circenses de modo que reconheçam suas responsabilidades e atuem de modo mais ativo e competente no que tange à segurança de todos os envolvidos, incluindo o público. A colaboração do poder público com as universidades, entidades de classe e escolas de circo, poderia contribuir significativamente para a consolidação de práticas mais seguras no setor.

Dentre as limitações deste estudo, queremos ressaltar a dificuldade em incluir mais artistas e profissionais circenses que atuam no circo itinerante (circo-família). A opinião destes certamente poderá compor às obtidas nesta pesquisa e permitir o aprofundamento do debate e o reconhecimento de outras particularidades.

Face ao crescimento exponencial do número de praticantes de circo (profissionais e, principalmente, amadores) parece-nos que o debate relativo aos processos relacionados à gestão do risco, prevenção de acidentes e ampliação da segurança parece avançar de modo lento e insuficiente. Assim sendo, entendemos que o circo brasileiro continua defasado nesse aspecto. Por isso, é urgente uma ação coordenada das autoridades nacionais (governo, escolas de circo, universidades) para ampliar a conscientização desse problema, bem como a produção de um estudo rigoroso sobre epidemiologia dos acidentes e lesões típicas, como recomendam pesquisas recentes (GREENSPAN et al., 2022; GREENSPAN;

STUCKEY, 2023; MUNRO, 2014). Isso permitiria melhores decisões quanto à gestão do risco nas diferentes atividades (espetáculos, aulas-treinamento).

Não cabem dúvidas de que a iniciativa da FUNARTE relatada anteriormente foi positiva. Porém, são necessários projetos regulares de abrangência nacional, com o intuito de, principalmente, aumentar o acesso à informação e às tecnologias (processuais ou materiais) já disponíveis. Do mesmo modo, as NRs recém-publicadas pela ABNT representam um passo importante, o reconhecimento da necessidade de uma regulamentação específica, embora seja preciso dizer que carecem de ajustes para que sejam incorporadas diretrizes de segurança. Parece ser que a formação é uma ação urgente. De algum modo, como nos lembra um respondente (n. 76: 58 anos – Goiânia-GO; 05/06/2016), devemos encarar esse desafio como uma responsabilidade de todos os envolvidos (comunidade).

Dispositivos legais, como o Projeto de Lei nº 110 de 2017, aprovado em Belo Horizonte (MG) que prevê, por exemplo, que o poder público provenha recursos (espaço, banheiros, água e energia/luz) adequados para a instalação de circos na cidade, podem contribuir para a diminuição de “instalações clandestinas” e, conseqüentemente, dos acidentes decorrentes dessa atividade, ainda altamente recorrentes no Brasil. Formações massivas, como debates online^{vi}, certamente contribuem, considerando a ainda dificuldade de acesso. Em conjunto, as ações anteriormente indicadas podem contribuir para uma prática mais segura do circo.

REFERÊNCIAS

ABNT. *NBR 16650-2:2018 (Circo)*. São Paulo: ABNT, 2018. a.

ABNT. *NBR 16650-1:2018*. São Paulo: ABNT, 2018. b.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Mônica (Lua); DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco. De norte a sul: Mapeando a formação em circo no Brasil. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 3, n. 42, p. 1–32, 2021. DOI: 10.5965/1414573103422021e0210.

BOLLING, Caroline; MELLETTE, Jay; PASMÁN, H. Roeline; MECHELEN, Willem Van; VERHAGEN, Evert. From the safety net to the injury prevention web: applying systems thinking to unravel injury prevention challenges and opportunities in Cirque du Soleil. *BMJ Open Sport & Exercise Medicine*, v. 5, n. 1, p. e000492, 2019. DOI: 10.1136/bmjsem-2018-000492.

BOLOGNESI, Mario Fernando. *Circos e palhaços brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788579830211>. Acesso em: 30 jun. 2023.

BORTOLETO, Marco. Perception du risque et causes d'accidents, un challenge permanent dans l'éducation des artistes Brésiliens. Em: GOUDARD, Philippe; BARRAULT (org.). *Médecine et Cirque*. Montpellier: Sauramps, 2020.

DUPRAT, Rodrigo. *Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior*. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

FEDEC. *Manual de segurança e aparelhamento*. Rio de Janeiro: AERISC, 2008.

FERREIRA, Diego Leandro; BORTOLETO, Marco; SILVA, Erminia. *Segurança no Circo: questão de prioridade*. Jundiaí: Fontoura, 2015.

GOUDARD, Philippe; BARRAULT, Denys (org.). *Médecine et Cirque*. Montpellier: Sauramps, 2020.

GOUDARD, Philippe; CHARDON, Collette. *Les arts du cirque: les guides santé au travail*. Paris: Centre Médical de la Bourse, 2010.

GREENSPAN, Stephanie; MUNRO, David; NICHOLAS, Joanna; STUBBE, Janine; STUCKEY, Melanie I.; RIJN, Rogier M. Van. Circus-specific extension of the International Olympic Committee 2020 consensus statement: methods for recording

and reporting of epidemiological data on injury and illness in sport. *BMJ Open Sport & Exercise Medicine*, v. 8, n. 3, p. e001394, 2022. DOI: 10.1136/bmjsem-2022-001394.

GREENSPAN, Stephanie; STUCKEY, Melanie I. Untangling risk factors including discipline-specific exposure for injuries in preprofessional and professional circus artists in the USA. *BMJ Open Sport & Exercise Medicine*, v. 9, n. 2, p. e001551, 2023. DOI: 10.1136/bmjsem-2023-001551.

GUZZO, Marina Souza Lobo. *Risco como Estética, Corpo como Espetáculo*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2009.

LAFOLLIE, Delphine. Les dimensions personnelles de gestion du risque d'étudiants en écoles supérieures de cirque : une étude exploratoire. *eJRIEPS. Ejournal de la recherche sur l'intervention en éducation physique et sport*, n. 35, 2015. DOI: 10.4000/ejrieps.1517. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ejrieps/1517>. Acesso em: 30 jun. 2023.

LE BRETON, David. *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados, 2009.

LEGENDRE, Florence. La transmission de la gestion du risque dans les écoles supérieures de cirque en France. *SociologieS*, 2014. DOI: 10.4000/sociologies.4554. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/4554>. Acesso em: 30 jun. 2023.

LOPES, Daniel de Carvalho; SILVA, Erminia; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Dentro e fora da lona: continuidades e transformações na transmissão de saberes a partir das escolas de circo. *Repertório*, v. 1, n. 34, 2020. DOI: 10.9771/r.v1i34.35551. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/35551>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MANDELL, Carolina Hamanaka. Circo: risco, performatividade e resistência. *Sala Preta*, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2016. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v16i1p71-81.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNRO, David. Injury patterns and rates amongst students at the national institute of circus arts: an observational study. *Medical Problems of Performing Artists*, v. 29, n. 4, p. 235–240, 2014. DOI: 10.21091/mppa.2014.4046.

NUNES, João Gabriel Baptistotti; BORTOLETO, Marco. Montando e desmontando: Quem são e como atuam os riggers circenses? *Arte da Cena*, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/68955>. Acesso em: 23 mar. 2023.

NUNES, João Gabriel Baptistotti; BORTOLETO, Marco Antonio; FERREIRA, Diego Leandro. Sobre o processo de planejamento e montagem de equipamentos para a prática das modalidades aéreas de circo. *Incomum Revista*, v. 3, n. 2, 2022. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/incomum/article/view/1159>. Acesso em: 30 jun. 2023.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado. *Ciência da Informação*, v. 21, n. 3, 1992. DOI: 10.18225/ci.inf.v21i3.438. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/438>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Ermínia. O novo está em outro lugar. Em: *Palco Giratório, 2011: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Sesc, 2011. p. 12–21. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/o-novo-esta-em-outro-lugar/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

WALLON, Emmanuel. *O circo no risco da arte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

WANKE, Eileen M.; MCCORMACK, Moira; KOCH, Franziska; WANKE, Alice; GRONEBERG, David A. Acute injuries in student circus artists with regard to gender specific differences. *Asian Journal of Sports Medicine*, v. 3, n. 3, p. 153–160, 2012. DOI: 10.5812/asjasm.34606.

ⁱ A percepção do risco varia para cada indivíduo de acordo com seu tipo de vida, suas experiências e histórias, sendo influenciada, simultaneamente, por diversos fatores. Desse modo, diversos profissionais, principalmente os mais experientes, tendem a ignorar ou subestimar aspectos de risco.

ⁱⁱ Literatura cinza ou cinzenta é melhor descrita por Población (1992).

ⁱⁱⁱ Como esse realizado pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC) em João Pessoa (PA) em 2022: <https://minutoturismo.com.br/abertas-inscricoes-para-curso-de-seguranca-nos-trabalhos-em-altura-para-profissionais-de-circo/>

^{iv} O Projeto Político Pedagógico (PPP) pode ser acessado aqui: <https://portal.ifrj.edu.br/curso-tecnico-arte-circense-ifrjfunarte-e-primeiro-genero-pais>

^v Embora seja possível observar algumas exigências no tocante à segurança dos espetáculos nos editais, os principais festivais de circo do Brasil (Festival Mundial de Circo, Belo Horizonte – MG; Festival Internacional de Circo do Rio de Janeiro – RJ; Festival Internacional de Circo de São Paulo – SP); Festival Internacional de Circo do Ceará, Fortaleza – CE; Festival de Circo do Brasil, Recife – PE) ainda não possuem uma enfática orientação que possa conduzir à adoção de medidas sistemáticas de segurança por parte das companhias e artistas que desejam participar deles. Um exemplo foi o edital do 3º Festival Palhaçada em Goiânia, que incluiu o seguinte artigo: “7.5 Informar os procedimentos e equipamentos de segurança empregados visando garantir a plena segurança dos artistas, técnicos e público.”

^{vi} Em 2021 a palestra virtual “Segurança no Circo - Normativas de segurança, equipamentos e certificações” fez parte do programa do *III Seminário Ensino de Artes Circenses: Experiências de Vivência, Gestão e Memória*, em parceria com o Festival Internacional de Circo do Ceará (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=xsqOie7C_Vo). Além disso, como cursos como esse foram realizados pela Escola Pernambucana de Circo em 2019: <https://www.escolapecirco.org.br/website/destaque/oficina-sobre-seguranca-na-escola-pernambucana-de-circo/>